

'Temos que repensar a cultura que estamos fomentando'

Com trabalhos desenvolvidos junto a crianças e adolescentes, a doutora Maria Izabel Calil Stamato analisa a questão da erotização infantil no funk

PAPO
de domingo

Bruno Gutierrez

MC Melody, MC Pikachu, MC Brinquedo e MC Pedrinho. Crianças e adolescentes, eles fazem parte do movimento do funk ousadia. O ritmo é marcado pelas letras, com conotações sexuais e trocadilhos, e escancararam a questão da sexualização infantil.

O tema chamou a atenção do Ministério Público de São Paulo, que passou a investigar a presença de forte conteúdo erótico e apelos sexuais nos trabalhos musicais de crianças e adolescentes.

Em uma luta contra a erotização infantil, o MP conseguiu obter uma liminar para proibir shows do MC Pedrinho, de 13 anos, em todo o País. Quem descumprir terá de pagar multa de R\$ 50.000 por apresentação, sem prejuízo das multas aplicadas nas ações a serem propostas nas localidades onde ocorrerem apresentações.

Neste Papo de Domingo, a professora doutora Maria Izabel Calil Stamato, coordenadora do curso de Psicologia da Universidade Católica de Santos (Unisantos), que possui experiência e trabalhos desenvolvidos entre jovens, analisou o tema.

Diário do Litoral - Como você enxerga a questão da erotização infantil no funk?

Dra. Maria Izabel - Nós estamos vivendo um momento em que há a adultização da criança em todos os setores. Ela assume uma face mais perversa nesse processo de erotização porque acaba antecipando uma visão do ser hu-



Divulgação

>SEXUALIZAÇÃO - Casos como da MC Melody, de 8 anos, chamaram a atenção das autoridades

mano enquanto objeto sexual. Desde pequeno, o homem não tem sido olhado por viver a infância, mas o que será importante dar a essa criança para que ela possa se tornar um adulto produtivo, inserido na sociedade. Isso faz com que a gente deixe de olhar a criança com as suas características, as suas necessidades próprias e passe a ver só o que ela precisa para se tornar um adulto. Nosso olhar acaba ficando sempre à frente, fora do momento da fase de desenvolvimento que ela que se encontra. O processo de erotização se torna mais perverso porque a criança fica mais exposta, e com o funk, muito mais estimulada. Como se para ela chamar a atenção, ter afeto e carinho precisasse dessa conotação sexual.

DL - Que reflexos essa exposição pode gerar na formação das crianças?

Dra. Maria Izabel - Nós formamos nossa subjetividade, que na verdade é aquilo que a gente é enquanto pessoa, ao longo do desenvolvimento. Isso é um processo, embora tenham idades mais importantes. Um fator determinante são as interações que estabelecemos com as pessoas, com outras crianças e adultos. Esse processo de exposição da criança às questões da sexualidade gera um padrão de relacionamento onde a criança está sempre negociando para conseguir algo e nesse nego-

A adultização assume uma face mais perversa nesse processo de erotização porque acaba antecipando uma visão do ser humano enquanto objeto sexual

ciar entra o sexo. Isso favorece para que ela seja usada, manipulada. Favorece o que chamamos, na psicologia, de coisificação. Você transforma a outra pessoa em um objeto para que possa utilizar ao bel-prazer. A erotização favorece o processo de coisificação tanto para a pessoa se tornar vulnerável, ser manipulada e seduzida, como de se tornar um agressor, alguém que manipula o outro. É um processo extremamente prejudicial. Acaba havendo uma substituição. Invés do afeto é o sexo. Para poder ser valorizado, reconhecido na sociedade, o sexo entra no meio das relações. Isso trouxe consequências sérias. Temos, por exemplo, aumento de AIDS entre a juventude, um número significativo de adolescentes que engravidam. Acho que vem tudo junto nesse proces-

so. Muitas mães engravidam e abandonam os filhos, até por conta de drogas. Isso faz com que a vida humana perca a dignidade, o valor.

DL - Existem culpados por essa situação?

Dra. Maria Izabel - Todo mundo tem uma parcela de responsabilidade nesse processo. Somos adultos e criamos um mundo para essa criança. O que está sendo oferecido a ela é oferecido por nós. É a família, a escola, a mídia. Mas, principalmente, é a cultura que predomina. Ela que dá a direção das ações da família, com seus valores, como também a mídia, a escola. Temos que repensar a cultura que estamos fomentando. Uma cultura que tem a ver até com consumismo. Hoje, é como se consumíssemos as pessoas. Você é útil para mim, eu tenho um relacionamento com você. Quando deixa de ser útil, não tem mais relacionamento. É uma visão utilitarista e consumista que está predominando nas relações, as tornando muito mecânicas, desprovidas de afeto e temos visto o que isso tem gerado na sociedade. É um distanciamento das pessoas e também o uso das pessoas, seja sexual, para trabalho. Na base do interesse. Deixamos de ser importantes pelo que somos para sermos importantes pelo que temos.

DL - Hoje o funk está mui-



Divulgação

>VETADO - Com letras eróticas, MC Pedrinho foi proibido de cantar por liminar do Ministério Público

to popularizado. O conteúdo é de fácil acesso. Como os pais devem agir neste tipo de situação?

Dra. Maria Izabel - Essa é uma questão bastante complexa. Os pais policiarem o acesso da criança ao computador ou a mídia é muito difícil porque estão presentes em todos os lugares e não há o controle total dos filhos. O mais importante é os pais estarem próximos e atentos aos filhos. É necessário perceber o que os filhos assistem e conversarem sobre isso. Não adianta impedir de assistir. Não adianta só proibir. O proibicionismo não rende aquilo que gostaríamos que rendesse. Ele não funciona.

DL - Como você enxerga a ação do Ministério Público, que vetou shows do MC Pedrinho, por exemplo. É um tipo de ação é válida?

Dra. Maria Izabel - Quando é uma ação que chama a atenção da população, ela é válida. Existe uma preocupação do Ministério Público com o coletivo que é o quanto esse tipo de show gera problema, traz dificuldades, conflitos. Esses shows estão, de alguma forma, ampliando comportamentos latentes, mas que a música amplia. É um lado positivo.

Leia a entrevista completa da Dra. Maria Izabel Calil Stamato no Portal de Notícias www.diariodolitoral.com.br.